

VIAGEM PARENTÉTICA I

FENOMENOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL

ALBERTO GUERREIRO RAMOS

(School of Public Administration/University of Southern California)

Tradução: Francisco Gabriel Heidemann e Ariston Azevedo

*It requires a very unusual mind to undertake the
analysis of the obvious*

(ALFRED NORTH WHITEHEAD,
Science and the Modern World, 1953)

A fenomenologia chegou a nossa Escola. E veio para ficar. Este é um sinal saudável da vitalidade intelectual de nosso corpo docente, bem como de nossos alunos. No entanto, estou inclinado a pensar que, a esta altura, é necessário definir precisamente em que sentido a fenomenologia pode ser útil para nossas atividades de ensino e pesquisa.

Ao tomar uma posição no debate sobre a fenomenologia que está ocorrendo na Escola, eu começaria dizendo que tal orientação filosófica é extremamente relevante para todo o campo da Ciência Social. Mas até que ponto e em que sentido? Esta é a questão para a qual pretendo me dirigir neste artigo de posicionamento, neste *policy paper*.

Não sou um fenomenologista. Se fosse, talvez devesse mais apropriadamente estar associado a um departamento de filosofia. Na verdade, suspeito que qualquer um familiarizado com o assunto dificilmente ousaria aceitar o título de fenomenologista.

Edmund Husserl é, em geral, considerado a figura-chave do movimento fenomenológico contemporâneo. Ele era um escritor profícuo. Diz-se que ele tomou de Franz Brentano a ideia de intencionalidade e que passou vários anos de sua vida empenhado em explorar as múltiplas implicações da afirmação de Brentano de que a consciência humana é estruturalmente intencional. O que é menos conhecido é que Husserl era um leitor atento de William James, tendo inclusive escrito algumas notas críticas a seu livro *Princípios de Psicologia*. Nessa época foram publicados livros e artigos que demonstram quão próximo o pragmatismo ou empirismo radical de James está da fenomenologia de Husserl. Mas, ao contrário de James, Husserl, pelo menos para mim, é quase sempre muito obscuro. Ademais, ele vivia sempre num contínuo processo de autocorreção de seus trabalhos. Ele várias vezes enfocou o mesmo assunto com variações bem significativas. Não se deve esquecer que a maior parte do que ele escreveu ainda não foi publicada. Assim, na medida em que se tenta explicar Husserl, com base apenas no que foi publicado, corre-se o risco de distorcer o seu pensamento. Eu me pergunto se Husserl não reagiria a muitas das atuais interpretações ou exposições de seu pensamento, parafraseando Marx, quando este se deu conta de como era erroneamente interpretado por alguns de seus admiradores franceses, e declarando: “*moi, je ne suis pas phenomenologist*”.

Por consequência, não tentarei com essas observações expor Husserl nem a fenomenologia. Quanto à fenomenologia, até mesmo Herbert Spiegelberg, uma autoridade reconhecida no assunto, evitou o desafio de defini-la. Em seu livro clássico, que saiu em dois volumes, *The Phenomenological Movement*, ele afirmou:

Entre as muitas concepções equivocadas que este livro se propõe a corrigir está a ideia de que existe um sistema ou uma escola chamada “fenomenologia”, com um sólido corpo de ensinamentos que permitiria dar uma resposta precisa à pergunta: “O que é fenomenologia?”.¹

Pretendo refletir sobre a relevância das orientações fenomenológicas para as ciências sociais e, portanto, para a administração pública e o

¹ Spiegelberg, H. *The phenomenological movement: a historical introduction*. The Hague: Nijhoff. 1960. V. 1. p. XXVII.

comportamento organizacional. Suponho que meu leitor já tenha algum conhecimento de fenomenologia (doravante o termo é usado, por vezes, como sinônimo de movimento fenomenológico) e das ideias de Husserl. Assim, resumirei meus pontos de vista com os seguintes enunciados:

- **Enunciado nº I:** A fenomenologia nos permite estarmos criticamente conscientes dos pressupostos da vida cotidiana.
- **Enunciado nº II:** A fenomenologia permite ao cientista social entender que a realidade é sempre percebida a partir de uma perspectiva.
- **Enunciado nº III:** A fenomenologia permite ao cientista social distinguir os múltiplos níveis da realidade e, assim, superar as falácias reducionistas.

Vou considerar agora o **Enunciado nº I**. Em certo sentido, a fenomenologia é uma “arte da consciência”, através da qual continuamente questionamos, de forma radical, aquilo que comumente é tido ou tomado como natural, dado, em nossa vida. Ao proceder dessa maneira, podemos alcançar níveis elevados de lucidez. Se não nos empenhamos por dar explicações detalhadas sobre os pressupostos de nossa vida cotidiana, sucumbimos a pontos de vista ingênuos. Husserl distinguiu a atitude natural da atitude crítica. A primeira é exatamente aquela do homem da rua, cujo conhecimento “nada tem de pensamento conceitual”,² e ao qual falta a audácia e capacidade de transcender às presunções do mundo comum. Ele está preso ao seu entorno. A atitude crítica suspende ou coloca entre parênteses a crença no mundo comum. Através dessa atitude nos tornamos capazes de atingir o nível do pensamento conceitual e de ter também a experiência de liberdade. Ao exercer a atitude crítica, Husserl aponta: “Não nego, então, como se eu fosse um sofista, que esse ‘mundo’ existe; *não duvido que ele esteja* aí, como se eu fosse um cético; mas eu uso a *epochē* ‘fenomenológica’”.³

Aqui chegamos a um ponto muito importante. Deparamo-nos com a famosa expressão de Husserl – a *epochē* fenomenológica ou redução fenomenológica. Husserl diferencia três tipos de *epochē* ou redução. Não acho que seja necessário aprofundá-las aqui. Deixe-me enfatizar, no entanto,

2 Husserl, E. The thesis of natural standpoint and its suspension. In: Kockelmans, J. (eds.). *Phenomenology, the philosophy of Edmund Husserl and its interpretation*. New York: Doubleday and Company, Inc., 1967. p. 69.

3 Husserl (1967, p. 78). (grifos no original)

que, ao descrever suas reduções, Husserl frequentemente recorre a verbos como **pôr entre parênteses, suspender, desconectar, não colocar em ação**. Parece-me que esses termos são extremamente indicativos do que devemos fazer como cientistas sociais. Valendo-me da terminologia de Husserl, afirmei em outro texto que o procedimento metodológico essencial da ciência social é a **redução sociológica**.⁴ No entanto, a redução sociológica já não é mais uma redução husserliana. Seria um erro ou um contrabando indecente fazer uma tradução sociológica mecânica das três reduções husserlianas. Isso equivaleria a misturar coisas heterogêneas.

Minha busca por uma redução sociológica equivale à procura por um tipo de ciência social altamente expurgada de ingredientes ideológicos, embora tal jamais seja possível em sentido absoluto. A ciência social é uma visão transcendente ou um escrutínio das realidades sociais. O cientista social deve ser, por formação, uma pessoa atenta às falácias e à influência da atitude natural. Ele é um forasteiro (no sentido de George Simmel)⁵ no meio de seus semelhantes. Em outras palavras, possui uma ingenuidade treinada, como [a de] um recém-chegado a um país estrangeiro, um marciano, se preferir, alguém com capacidade platônica de assombro permanente. Seu negócio é escrever **Cartas persas, ensaios impopulares**. Ele é um homem parentético.⁶

4 Eu cunhei esta expressão em 1956 (ver meu livro *Introdução crítica à sociologia brasileira*). Em 1958, publiquei *A redução sociológica*. Ver resumo em inglês da segunda edição deste livro que foi elaborado por Wesley Bjur (*Sociological reduction: the search for contextual models of development*. University of Southern California, International Public Administration Center, April 1968. Mimeo). [NT: Embora o livro *Introdução crítica à sociologia brasileira* estivesse concluído desde setembro de 1956, sua publicação ocorreu, de fato, em 1957].

5 Algumas das qualidades que George Simmel atribui ao “forasteiro” são compatíveis com o perfil psicológico do homem que vê o mundo do ponto de vista da atitude crítica. Referindo-se à “objetividade do forasteiro”, George Simmel escreve: “ele não está radicalmente comprometido com os componentes e as tendências peculiares do grupo e, portanto, aborda-os com uma atitude específica de ‘objetividade’. Mas a objetividade não envolve simplesmente passividade e desprendimento; é uma estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento [...]. Objetividade não é, de forma alguma, não participação, [...] assim como a objetividade da observação teórica não se refere à mente como uma ‘tabula rasa’ passiva, na qual as coisas inscrevem suas qualidades, mas, ao contrário, à sua plena atividade, que opera de acordo com suas próprias leis, e à eliminação, assim, de deslocamentos e ênfases acidentais...” Kurt H. Wolff (*The sociology of Georg Simmel*. New York: The Free Press, 1967. p. 404). Ver também “The stranger”, de Alfred Schütz (*Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, vol. II, 1964. p. 90-105).

6 Propus esta expressão em meu livro *Mito e verdade da revolução brasileira*, de 1963. Com isso, quero dizer que o resultado do movimento fenomenológico é um novo modelo de homem, no caso, o homem parentético. Atualmente, trabalho em um livro em que tentarei mostrar as principais imagens de homem assumidas pelas ciências sociais em diferentes estágios de sua evolução. Essas imagens são: homem operacional, homem reativo e homem parentético. Neste

Alfred Schütz assinalou que “a escolha racional não existe no âmbito da vida cotidiana”.⁷ E acrescenta: “o ideal da racionalidade não é e não pode ser uma feição ou traço peculiar do pensamento cotidiano”.⁸ Agora, na medida em que o critério primordial do cientista social é o da racionalidade, ele o alcança por meio de um esforço sistemático de transcendência dos pressupostos da vida cotidiana. Por causa do esforço penoso cobrado pela prática da redução sociológica, nós minimizamos a influência da atitude natural sobre o nosso pensamento. Na medida em que nos tornamos capazes de interpretar de maneira racional o mundo social que nos envolve, revelamos características das realidades sociais comumente negligenciadas pelo indivíduo não formado.⁹

A redução sociológica ou a atitude parentética é expediente essencial da ciência social. Ao praticar tais atitudes, a pessoa fica relativamente livre de vínculos sociais (*Sozial Freischwebende Intelligenz*), já que, segundo Mannheim,¹⁰ isso se faz necessário para que se possa entender o mundo social com um mínimo de viés ideológico.

Quando o cientista social não tem, de alguma forma, consciência sistemática da redução sociológica, afirmações ingênuas e tautológicas geralmente infestam seus textos. Vejo, por exemplo, David Truman praticando redução sociológica quando denunciou os pressupostos ingênuos da ciência política, nos Estados Unidos. Entre outros pontos, ele destacou o

livro também tentarei apresentar as principais linhas de uma abordagem parentética, que integra, criticamente, características da dialética e da fenomenologia. Embora eu tenha usado a expressão abordagem fenomenológica em meus escritos e em minhas aulas, sinto-me desconfortável com essa terminologia. Penso que o desafio do cientista social dos dias atuais é desenvolver ferramentas analíticas e metodológicas específicas para a sua disciplina, sem vinculá-las a qualquer escola filosófica em particular. [NT: O texto sobre modelos de homem de Ramos foi publicado na forma de artigo na revista *Public Administration Review*, vol. 32, n. 3, p. 241-6, May/June 1972. Uma versão ampliada (com 91 páginas) de seus estudos a respeito do assunto é o texto *The parenthetical man (an anthropological approach to organization design)*, apresentado durante o Congresso Anual da American Association for Public Administration (ASPA), realizado em Denver, Los Angeles, em 1971].

7 Schütz (1964, p. 79).

8 *Idem ibidem*. [NT: Aqui realizamos uma pequena alteração na citação. Em seu texto, Ramos escreveu: “... the ideal of rationality is not and cannot be a peculiar feature of everyday life...”. Contudo, a passagem correta é a seguinte: “... the ideal of rationality is not and cannot be a peculiar feature of everyday thought...”].

9 “Nós nem sequer interpretamos o mundo social que nos rodeia de um modo racional, exceto sob circunstâncias especiais que nos obrigam a abandonar nossa atitude básica de apenas viver nossas vidas. Cada um de nós, ao que parece, organizou ingenuamente seu mundo social e sua vida cotidiana de modo a encontrar em si mesmo o centro do cosmos social que o rodeia” (Schütz, 1964, p. 70).

10 Mannheim, K. *Ideology and Utopia*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1936. p. 155.

seguinte: “uma despreocupação com os sistemas políticos enquanto tais, incluindo o sistema americano, o que na maioria dos casos equivalia a tomar suas propriedades como dadas”; “uma concepção de mudança e desenvolvimento político não estudada e sobretudo implícita, que era clamorosamente otimista e irreflexivamente reformista”; “uma preocupação muito fortemente paroquial [bairrista] com coisas típicas americanas, o que impediu o desenvolvimento de um método comparativo efetivo”.¹¹ Em termos diferentes, Fred Riggs deu eco aos escritos de Truman sobre administração comparada. Sua abordagem ecológica assemelha-se à redução sociológica. Segundo Riggs, houve um tempo em que o estudo comparativo da administração pública era muito pouco sofisticado, já que seu postulado era que o sistema administrativo público norte-americano era uma espécie de espelho para as outras nações.¹² A busca de Riggs por uma abordagem contextual para a administração comparativa está alinhada com a redução sociológica. Não muito longe de serem, às vezes, tautológicos ou redundantes, estão escritores como Robert Dahl e S.M. Lipset, que, de forma inadvertida, como aponta Christian Bay, favorecem “a democracia mais ou menos tal como ela existe hoje no Ocidente ou neste país”.¹³ Crítica idêntica pode ser dirigida ao empirismo ingênuo de Talcott Parsons, cujas **variáveis padrão** levam a uma abordagem dogmática da modernização, ao estabelecer como paradigmático o precário tipo histórico contemporâneo das sociedades industrializadas avançadas.

Um dos melhores tratados fenomenológicos norte-americanos sobre a ciência social ainda é *A imaginação sociológica*, de C.W. Mills, publicado em 1959. Pode-se sentir um sabor fenomenológico na maneira como ele define a imaginação sociológica. Ao se referir aos homens comuns dos dias atuais, ele afirma:

O que eles necessitam e o que sentem que lhes falta é uma qualidade da mente que os ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, com o fito de alcançar sínteses lúcidas do que está acontecendo dentro

¹¹ Truman, D. Disillusion and regeneration: the quest for a discipline. *The American Political Science Review*, v. LIX, n. 4, Dec. 1965. p. 866.

¹² Riggs, F. Trends in the comparative study of public administration. *International Review of Administrative Science*, Bruxelas, v. 28, n. 1, p. 9-15, 1962.

¹³ Bay, Christian. Politics and pseudopolitics: a critical evaluation. In: McCoy, C.A.; Playford, J. *Political politics: a critique of behavioralism*. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1968. p. 22.

deles mesmos. Eu afirmo que é esta a qualidade que os jornalistas e acadêmicos, artistas e públicos, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que se pode chamar de imaginação sociológica.¹⁴

Para Mills, a imaginação sociológica é uma qualidade da mente, adquirida por exercício metódico, que permite a quem a possui “levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, se tornam muitas vezes falsamente conscientes de suas posições sociais”.¹⁵

De maneira significativa, o capítulo em que Mills apresenta o seu conceito de imaginação sociológica tem por título **A promessa**. Segundo minha interpretação dessa associação, Mills acreditava que a principal função da ciência social seria apontar as diretrizes para uma sadia sociedade de homens livres. Ele sugere que tal promessa perpassou intensamente toda a tradição clássica da ciência social. Entretanto, a tentativa de projetar um dispositivo metodológico para se alcançar tal promessa é algo novo na história das ciências sociais. Além disso, a imaginação sociológica e a redução sociológica são empreendimentos relevantes no campo acadêmico, mas seu escopo abrange a área toda da vida humana, uma vez que se destinam a ser uma qualificação essencial de um novo tipo de homem – o homem parentético, um homem capaz de sobreviver como ser livre em sociedades extremamente pluralistas, culturalmente heterogêneas, manipuladas por mídia de massa, e num momento em que a história que afeta todo mundo já não é mais a história nacional, mas a história mundial.¹⁶ Em tais circunstâncias, a imaginação sociológica e a redução sociológica tendem a se tornar uma espécie de “denominador comum intelectual”¹⁷, uma habilidade mental básica para suportar um ambiente turbulento, em que as regras e o nome dos jogos estão sempre mudando.¹⁸ Em termos persuasivos, Mills escreve:

14 Mills, C.W. *The sociological imagination*. New York: Grove Press, Inc., 1961. p. 5.

15 Mills (1961, p. 5).

16 Diz Mills: “a história que agora afeta cada homem é a história mundial” (1961, p. 4).

17 Mills (1961, p. 14).

18 O termo “ambiente turbulento” foi introduzido por Fred Emery e Eric Trist (Emery, F; Trist, E. The causal texture of organizational environments. *Human Relations*, Feb. 1965). Gross define tal ambiente como aquele “em que novas forças revolucionárias estão alterando as regras e os nomes dos jogos” (Gross, B.M. The city of man: a social systems reckoning. In: Wald Jr., W.R.E. *Environment for man, the next fifty years*. Bloomington & London: Indiana University Press, 1967. p. 137). Ver também o texto de Eric Trist, *The relation of Welfare and Development in the transition to post industrialism*, Western Management Science Institute, University of California (UCLA), Los Angeles, fev. 1968. Mimeografado.

Creio que a imaginação sociológica está se tornando o principal denominador comum de nossa vida cultural e sua marca característica. Essa qualidade da mente é encontrada nas ciências sociais e psicológicas, mas vai muito além da forma pela qual conhecemos esses estudos. Sua aquisição pelos indivíduos e pela comunidade cultural em geral é lenta e muitas vezes inepta. Muitos cientistas sociais nem têm consciência dela. Parece que não sabem que o uso da imaginação sociológica é central para o trabalho ótimo que eles poderiam realizar, e que, ao deixar de desenvolvê-la e usá-la, estão deixando de atender às expectativas culturais que estão sendo demandadas deles e que as tradições clássicas de suas disciplinas estão colocando à sua disposição.¹⁹

Deve-se ressaltar que Mills, o cientista social norte-americano mais fenomenológico até a data de sua morte, em 1962, nunca deixou claro em seus escritos a sua familiaridade com a fenomenologia. No livro *A imaginação sociológica* não há uma única referência à fenomenologia. E, no entanto, *A imaginação sociológica* transpira fenomenologia em cada uma de suas páginas.

De fato, mais do que uma orientação filosófica específica, a fenomenologia se apresenta como um horizonte intelectual intransponível no estágio histórico emergente. Quem não se situa neste horizonte, está vivendo no passado. Não estou sugerindo que todos devam ser husserlianos ou fenomenólogos. O que quero dizer é que a liberdade autêntica só é, hoje, possível para aqueles que são sensíveis aos novos padrões mentais, que as condições históricas de nossa época estão gerando, e que estão internalizando seu conteúdo conceitual sistemático.

Cabe agora fazer um breve comentário sobre algumas abordagens fenomenológicas que estão sendo elaboradas aqui na Universidade do Sul da Califórnia (USC) e por cientistas sociais norte-americanos em geral. Estamos prestes a ver uma explosão de publicações feitas por cientistas sociais com *background* fenomenológico. Em nossa Escola, há sete alunos de

19 Mills (1961, p. 14).

pós-graduação – Michael McGill²⁰, Marc Lindenberg²¹, Larry Kirkhart²², Julie Wiedel²³, Dail Neugarten²⁴, Leland M. Wooton²⁵ e Roy Gregg²⁶ – que abordaram, com grande competência, problemas administrativos e organizacionais, pelo ponto de vista da fenomenologia. Neste momento, três dos meus alunos de pós-graduação estão preparando seus trabalhos de conclusão de curso com esta orientação filosófica. Estou incentivando alguns outros a tentarem desenvolver uma abordagem parentética para a tomada de decisões, valendo-se das indicações perspicazes de Richard Snyder, que, inspirado em Alfred Schütz, parece ser o primeiro estudioso norte-americano a apresentar um modelo de tomada de decisão no campo das relações internacionais.²⁷ Além disso, é evidente que estão acontecendo muitas discussões fenomenológicas nos corredores e salas de aula da nossa Escola. Os professores Wesley Bjur, Kim Nelson e William Williams estão todos trabalhando com a perspectiva fenomenológica em suas salas de aula, pesquisas e textos. Estou certo de que Michael McGrill, Catherine Lovell, Ken Smith, Jack Klempner e Barbara Perrow hão de apresentar em suas teses de doutorado algo que contribuirá para os esforços mencionados acima.

Chega de falar sobre nossa Escola. Em uma perspectiva mais ampla, já não tem mais validade afirmar que a fenomenologia *stricto sensu* não teve influência na Ciência Social dos EUA. A presença no cenário da ciência social de pessoas como Peter Berger, Edward Tiryakian, Harold Gar-

20 McGill, Michael. *The urban process, economic, social and political considerations*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1967. Mimeografado.

21 Lindenberg, Marc. *Philosophical and methodological antecedents of parentetical sociology*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

22 Kirkhart, Larry. *Public administration and selected developments in social science: toward a theory of public administration*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

23 Wiedel, Julie. Value orientations: an approach to the “idiosyncratic variable” of decision-making. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

24 Neugarten, Dail. *A critical review of the role of social scientists within the field of developmental administration*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

25 Wooton, Leland W. *Phenomenology and the social sciences: implication for the study of administrative behavior*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

26 Gregg, Roy. *Predictive research methodology*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado.

27 Snyder, R.C.; Bruck, W.H.; Sapin, B. The decision-making approach to the study of international politics. In: Rosenau, J.M. (ed.). *International politics and foreign policy*. New York: The Free Press, 1961. p. 186-192.

finkel, A. Cicourel, S.V. Bruyn, George Psathas e de muitas outras menos conhecidas, basta para demonstrar a importância dada à fenomenologia.

Volto agora ao Enunciado n.º. I. O fenomenologista Maurice Natanson vê a ciência social quase que exclusivamente preocupada com o que se disse em nosso primeiro enunciado. Para ele, “a tarefa do cientista social é reconstruir o modo pelo qual os homens, cotidianamente, interpretam o seu próprio mundo”.²⁸ Em consonância com esse ponto de vista, nos Estados Unidos desenvolveram-se duas importantes abordagens fenomenológicas: a etnociência e a etnometodologia. Darei uma ideia dessas abordagens com base num artigo de George Psathas.²⁹

A Etnociência pertence propriamente ao campo da antropologia e é definida por W.C. Sturtevant como “o sistema de conhecimento e cognição típico de uma dada cultura”.³⁰ Embora os etnocietistas não se considerem fenomenólogos, seus trabalhos se enquadram claramente no arcabouço da abordagem fenomenológica. Para eles, o objetivo da descrição etnográfica é revelar a estrutura cognitiva implícita na vida cotidiana das pessoas. Eles não estão preocupados com detalhes descritivos, mas com o núcleo da cultura de cada sociedade, que é um conjunto de regras operacionais de acordo com o qual seus membros se relacionam entre si e percebem o mundo. “É a teoria” – diz W. Goudenough – “não os fenômenos isolados que as descrições etnográficas pretendem apresentar”.³¹ A palavra “teoria”, naturalmente, não é usada aqui em sentido acadêmico. A vida cotidiana de cada sociedade tem uma lógica, cujas regras constituem a principal preocupação do etnógrafo. A apreensão das regras conduz o etnógrafo a um entendimento (*verstehen*) justo da sociedade. O etnógrafo não espera que seus informantes sejam capazes de explicar tais regras. Eles geralmente são incapazes de fazer isso, de tanto que as regras estão imbuídas em suas mentes. Mas em sua tarefa de estudar uma cultura, o etnógrafo tem que descobrir por si mesmo o sistema cognitivo de seus informantes, a fim de compreender como eles “organizam os fenômenos em sua vida diária”³² e constroem o mundo.

²⁸ Natanson, M. Introduction. In: Schütz, Alfred. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, vol. I, 1967, p. XLVI.

²⁹ Psathas, George. Ethnomethods and phenomenology. *Social Research*, v. 35, n. 3, Autumn 1968.

³⁰ Psathas (1968, p. 500).

³¹ Psathas (1968, p. 502).

³² Psathas (1968, p. 503).

O Professor H. Garfinkel, que atualmente leciona na Universidade da Califórnia (UCLA), é a figura-chave da etnometodologia e o autor de um livro de mesmo título. Seu trabalho é fortemente influenciado por Alfred Schütz. Sua pesquisa é extremamente valiosa para o meu desenvolvimento de uma teoria da redução sociológica. De fato, vejo em seu trabalho semelhanças notáveis com meus pontos de vista. A etnometodologia de Garfinkel, conforme explicada por Psathas, “procura descobrir os ‘métodos’ que as pessoas usam em suas vidas cotidianas para construir a realidade social e também para descobrir a natureza das realidades que construíram”.³³ Tal tarefa jamais poderia ser realizada sem o recurso ao que tenho chamado de redução sociológica ou abordagem parentética. Referindo-se ao método do Dr. Garfinkel, Psathas afirma:

Parece-me que isso se assemelha ao problema da colocação entre parênteses, na análise fenomenológica. O cientista deve colocar entre parênteses suas próprias pré-suposições sobre os fenômenos e procurar descobrir as suposições que os atores humanos, *in situ*, adotam e usam. Além disso, ele deve igualmente colocar entre parênteses essas suposições num esforço de analisar os próprios fenômenos.³⁴

São de grande interesse os “experimentos de demonstração” do Dr. Garfinkel, que mostram como operacionalizar a abordagem fenomenológica para os objetivos de pesquisa. Cabem aqui alguns exemplos desses experimentos. Para tornar as pessoas conscientes daquilo que assumem como natural, dado, gratuito, em seu comportamento do dia a dia, o Dr. Garfinkel se envolveu em relações com outras pessoas, agindo como um personagem Persa; isto é, fazendo coisas que perturbam as regras convencionais do jogo da vida diária. Por exemplo, pode-se aprender muito sobre as pessoas ao provocar situações desconcertantes, como dizer a um amigo durante uma conversa que o que foi dito está sendo gravado por um gravador oculto; tratar um cliente que espera na fila do restaurante como se fosse um garçom; ou instruir um estudante para que ele se comporte na casa de seus pais como um convidado, por exemplo, solicitando formalmente permissão para pegar algo na geladeira. Tais atos rompem com

33 Psathas (1968, p. 509).

34 Psathas (1968, p. 511).

a sonolência dogmática habitual da vida diária e, quando explicados aos envolvidos, os levam a um novo nível de lucidez.

Com modificações, a técnica dos “experimentos de demonstração” pode ser útil no campo da administração, enquanto ferramenta para jogo de papéis, treinamento de sensibilidade, dinâmica de grupo ou treinamento de pessoal. Julie Wiedel, em sua dissertação de mestrado³⁵, tentou operacionalizar uma abordagem fenomenológica para estudar o efeito das orientações axiológicas no processo de tomada de decisão. Seu próximo passo será desenvolver técnicas similares àquelas usadas nos “experimentos de demonstração” para conscientizar os gerentes sobre seus valores pessoais.

Por mais emocionantes e inovadores que sejam, essas realizações e experimentos são apenas um começo. A fenomenologia abre as ciências sociais para uma extensa gama de estratégias e técnicas operacionais, como é exemplificado não apenas por Garfinkel, mas por uma variedade de escolas de psiquiatria e psicologia, ou seja, [na figura de estudiosos como] Carl Rogers, Rollo May, Hubert Bonner, Bugenthal e outros. Nós, na administração pública, devemos enfrentar o desafio de atualizar o nosso campo, para atender a desenvolvimentos nas ciências comportamentais. Se não abrirmos o nosso campo à fenomenologia, corremos o risco de ficar em descompasso com o crescimento das ciências sociais. O problema é mantermo-nos a par desses desenvolvimentos e, ao mesmo tempo, preservarmos a integridade da nossa perspectiva de comportamento humano.

Estas são algumas das questões que serão abordadas em meus próximos dois artigos.

Los Angeles,
Natal de 1969.

³⁵ Wiedel (1969).